



Patrícia Lavelle*

Resenha: Jeanne Marie Gagnebin. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo, Editora 34, 2014.

Penélope e Ulisses

No prólogo de *Limiar, aura e rememoração*, Jeanne Marie Gagnebin desenvolve uma instigante reflexão sobre a relação entre a escrita e a morte. E é sobretudo na poesia grega, e não apenas na filosofia, que ela encontra elementos para pensá-la, convocando Homero e seus personagens: Aquiles, que prefere sobreviver na glória imortalizada pelo poema a ter uma vida longa e obscura, e sobretudo Ulisses, que canta seus próprios feitos e conta diversas histórias ao longo da *Odisseia*, numa “transmutação do aventureiro em narrador-poeta”. Segundo a autora, “o núcleo destas narrativas está na descida ao Hades, no confronto com a morte e com os mortos, e na vitória sobre as Sereias, isto é, na transfiguração da magia maléfica do canto em potência artística de rememoração.”

Nesta perspectiva, sua escuta das sombras, esse diálogo do presente vivo com os desaparecidos do passado, prefiguraria a escrita do “historiador materialista”, que procura rememorar não os feitos de heróis vencedores, como Aquiles, mas sobretudo as “inumeráveis tribos de mortos” que assombram Ulisses – os “sem nome” ou os vencidos de que nos fala Benjamin em suas teses sobre a história.

Ao longo do livro, constituído por uma reunião de ensaios curtos que tematizam as noções de limiar, aura e rememoração a partir do pensamento de Benjamin, são recorrentes as referências à *Odisseia*. Ulisses e Penélope se mesclam aos temas benjaminianos, constituindo uma espécie de fio invisível que “costura” o conjunto, atravessando três textos: “Escrita, morte, transmissão”, o prólogo acima citado,

* Professora do Departamento de Letras - PUC-RJ. E-mail para contat: patricia.g.lavelle@gmail.com.

“Atenção e dispersão: elementos para uma discussão sobre arte contemporânea” e “O trabalho de rememoração de Penélope”. Cada um deles parece constituir o núcleo central de uma das três séries temáticas que compõem a obra.

O primeiro, que constitui o limiar do livro, remete à série que se constrói a partir do tema dessa zona intermediária, espaço de indeterminação e de passagem que corresponde ao lugar da escrita do próprio Benjamin. No limiar entre literatura e filosofia, esta coloca a questão da apresentação teórica, que implica a relação entre verdade e beleza e incita ao trabalho de interpretação. Tal questionamento, que aparece explicitamente no “Prefácio crítico-epistemológico” do livro sobre o drama barroco alemão, é examinado em “Do conceito de *Darstellung* em Walter Benjamin” com cuidado filológico e ousadia crítica. Desdobramento fundamental desta problemática, o texto seguinte, “Comentário filológico e crítica materialista”, que fecha a primeira parte do livro, procura justamente refletir sobre a atitude interpretativa que, sugerida em “Sobre *As Afinidades eletivas* de Goethe”, nos parece caracterizar também a leitura proposta por Jeanne Marie Gagnebin.

O ensaio intitulado “Atenção e dispersão: elementos para uma discussão sobre arte contemporânea a partir de Adorno e Benjamin”, que abre a segunda parte do volume, é representativo desta dupla atitude. Num comentário preciso, este estudo reconstrói um diálogo entre os dois autores, mobilizando a relação de ambos com o pensamento de Kracauer, mas empreende também uma reflexão muito atual sobre a arte e o papel experiência estética no mundo contemporâneo. A referência à *Odisseia* reaparece aqui sobretudo através do “episódio paradigmático do encontro de Ulisses com as Sereias”, interpretado por Adorno na *Dialética do Esclarecimento* como surgimento da arte e do sujeito capaz de fruição estética a partir da resistência aos poderes encantatórios da magia, representados pelo canto das Sereias. Mas o tema do trabalho de Penélope também se inscreve implicitamente neste texto através dos conceitos de atenção e dispersão:

Na tradição filosófica, ambos os movimentos acompanham as definições clássicas das atividades do lembrar e do esquecer. O lembrar é descrito como um retesamento psíquico, um esforço de reunião de imagens dispersas, de recolhimento e interiorização que a palavra alemã *Erinnerung* traduz bem. O esquecer, pelo contrário, remete a um afrouxamento da tensão intelectual, mero relaxamento despreocupado ou, numa aproximação mais penetrante como a de Nietzsche, desistência feliz do espírito inquieto e entrega sábia ao fluxo de uma vida maior do que ele.

Assim, se a atenção tece e lembra, a dispersão esquece, desfazendo o tecido. Mas não se trata de escolher entre uma e outra, rejeitando a primeira em nome de uma experiência radicalmente desagregadora ou a segunda, numa postura estética que visa a conservar o lugar do belo e da possibilidade de sua fruição. Entre dispersão e atenção, entre desaturatização e contemplação, desarticulação do sujeito e interiorização, Jeanne Marie Gagnebin sugere um “espaço de jogo” não apenas artístico mas também social e político no qual lembrar e esquecer constituiriam um mesmo trabalho.

O conjunto de ensaios reunidos em *Limiar, aura e rememoração* se destaca tanto pela atenção da reconstrução histórica, que remete às fontes de Benjamin e aos debates de seu contexto de época, quanto pela dispersão da crítica que tematiza questões atuais da maior importância à luz de categorias benjaminianas. Essa segunda entrada caracteriza o ensaio que fecha o volume, sobre a reparação às vítimas da ditadura militar brasileira. Não há, no entanto, contradição entre o rigor do exame filológico e os desenvolvimentos críticos atualizadores. Ao contrário, é a reconstrução minuciosa propiciada pelo comentário histórico que permite a Jeanne Marie Gagnebin tirar das noções benjaminianas elementos para pensar os desafios do presente. E nisso ainda sua escrita remete tanto à figura de Ulisses, que dialoga com os mortos e vence as Sereias, quanto à de Penélope, evocada no penúltimo texto. Nele, o trabalho da rememoração é compreendido a partir do gesto de Penélope, que tece e destece, numa dinâmica em que lembrança e esquecimento, atenção e dispersão se cruzam numa mesma trama.